



## **A inclusão da criança autista na Educação Infantil**

Oliveira, Laysla Ferreira Fouraux de - [laysla418@gmail.com](mailto:laysla418@gmail.com)  
Toledo, Gilson Soares - [gilson.soares.toledo@gmail.com](mailto:gilson.soares.toledo@gmail.com)

**Curso de Pedagogia**  
**Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ubá**  
**Ubá - MG/Dezembro/2024**

### **Resumo**

Nota-se um significativo crescimento em relação ao número de matrículas de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista) nas escolas e, ao mesmo tempo, têm sido percebidos muitos avanços nos estudos e discussões sobre TEA. Neste sentido, a conscientização sobre o autismo tem se expandido, destacando a importância da aceitação da neurodiversidade, para que pessoas com TEA possam viver de forma mais integrada e com apoio adequado. Tendo em vista a importância desse tema, elaborou então a seguinte questão de pesquisa: quais estratégias são utilizadas pelos professores na inclusão da criança autista na Educação Infantil? Para responder ao questionamento, este estudo teve como objetivos: identificar quais as estratégias de inclusão são utilizadas pelos professores; elencar os recursos utilizados para incluir a criança no processo de aprendizagem; apontar as dificuldades para a inserção da criança autista no processo de ensino-aprendizagem; refletir sobre o processo de adaptação do aluno. Como metodologia, foi utilizado como instrumento um questionário elaborado através do *Google Forms* e enviado pelo *WhatsApp* aos professores. Foi estabelecido o prazo de quatro dias para a devolutiva dos questionários para então realizar a compilação dos dados e análise dos resultados, utilizando-se como suporte teórico, textos retirados de livros, artigos específicos, Revistas e *sites*, cujos autores versam sobre o tema. A partir deste estudo foi possível compreender melhor as metodologias adotadas pelos professores no processo de inclusão. Diante do exposto, esta pesquisa ganhou relevância por estimular a compreensão dos professores e futuros profissionais da educação de como se deve trabalhar a inclusão de crianças com TEA com efetividade e êxito. Esta inclusão exige estratégias eficazes e atendam às reais necessidades dos estudantes com este diagnóstico. Palavras-chave: Transtorno do espectro autista. Escola. Professores. Processo de ensino-aprendizagem. Inclusão.

### **Abstract**

The number of children with ASD (autism spectrum disorder) enrolled in schools has increased. At the same time, advances are observed in studies and discussions about ASD. Thus, awareness about autism has expanded, highlighting the importance of neurodiversity acceptance, so that people with ASD can live in a more integrated way and with adequate support. Given the importance of this topic, the following research question was developed: what are the strategies teachers use to include autistic children in Early Childhood Education? To answer this, the study aimed to identify which inclusion strategies teachers use; list the resources used to include children in the learning process; point out the difficulties in including autistic children in the teaching-learning process; and reflect on the adaptation process of the students. The methodology instrument was a questionnaire prepared through *Google Forms* and sent via *WhatsApp* to teachers. A four-day deadline was established for the return of the questionnaires, and then the data was compiled and the results analyzed. The theoretical support relied on texts from books, specific articles, magazines, and websites whose authors deal with the subject. This study made it possible to better understand the methodologies adopted by teachers in the inclusion process. This research is relevant because it stimulates the understanding of teachers and future education professionals on how to work on the effective and successful inclusion of children with ASD. This inclusion requires effective strategies that meet the real needs of students with this diagnosis.

Keywords: Autism spectrum disorder. School. Teachers. Teaching-learning process. Inclusion.

## Introdução

A presente pesquisa procurou identificar quais são as estratégias utilizadas pelos professores na inclusão da criança autista na Educação Infantil, uma vez que foram observadas inúmeras dificuldades para que os professores regentes e os de apoio consigam incluir, de fato, a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em todas as atividades do cotidiano escolar.

Dessa forma, optou-se por compreender melhor a inclusão de crianças com diagnóstico de TEA por perceber esta situação nas atividades de estágio curricular nas escolas. Nota-se que este tem sido um desafio recorrente para os especialistas, professores e familiares, sobretudo, para os estudantes. Neste sentido, foi observado um crescimento constante de diagnósticos de crianças autistas nas escolas.

O ingresso na escola é um processo que requer atenção cuidadosa, pois representa mudança na rotina e na vida das pessoas. Quando esta inserção ocorre com as crianças diagnosticadas com TEA, o processo torna-se ainda mais desafiador, pois uma das características é a rejeição diante das alterações na rotina. No período inicial das atividades escolares é comum o choro, a repetição dos movimentos corporais, a irritabilidade, as agressões e a recusa para seguir regras e ordens dos profissionais da escola. Além disso, observou-se que os professores têm enfrentado desafios para lidarem com as características de estudantes com este diagnóstico por falta de conhecimento de como lidar e por não conhecer ou dominar as estratégias de como ensinar o que, muitas vezes, por desconhecimento ou negligência, pode comprometer o bom desempenho da criança com TEA na escola.

Diante do exposto, levantou-se a seguinte questão de pesquisa: quais as estratégias utilizadas pelo professor na inclusão da criança autista na Educação Infantil? Para responder ao questionamento, este estudo teve como objetivos: identificar quais as estratégias de inclusão são utilizadas pelos professores; elencar os recursos utilizados para incluir a criança no processo de aprendizagem; apontar as dificuldades para a inserção da criança autista no processo de ensino-aprendizagem; refletir sobre o processo de adaptação do aluno.

Como metodologia, foi utilizado como instrumento de coleta de dados o questionário elaborado através do *Google Forms* e enviado pelo *WhatsApp* aos professores. Foi estabelecido o prazo de quatro dias para a devolutiva dos questionários para então realizar a compilação dos dados e análise dos resultados, utilizando-se como suporte teórico, textos retirados de livros, artigos específicos, Revistas e *sites*, cujos autores versam sobre o tema.

Assim sendo, acredita-se que os professores regentes e de apoio não conseguem ainda

aplicar metodologias que atendam efetivamente às necessidades de aprendizagem do estudante com TEA, o que despertou a necessidade de entender como ocorre o processo de inserção da criança com TEA no ambiente escolar.

Cunha (2011, p. 100, *apud* Marques; Barbosa; Gomes, 2018) atesta que “[...] não podemos pensar em inclusão escolar, sem pensarmos em ambiente inclusivo [...]”.

Portanto, não basta apenas inserir a criança em uma rede de ensino. Um ambiente inclusivo é onde ocorre a participação ativa e são feitas adaptações indispensáveis de acordo com a necessidade do aluno. A verdadeira inclusão só ocorre, quando o ambiente escolar é preparado para atender às necessidades de todos os alunos de maneira justa e equitativa.

## **Referencial Teórico**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) atinge a comunicação, socialização e imaginação do indivíduo. As crianças que apresentam o TEA, normalmente, não são caracterizadas por nenhuma característica física.

O termo autismo foi apresentado por Kanner em seu estudo pioneiro, publicado na obra *Distúrbio Autístico do Contato Afetivo*, na revista *The Nervous Child*. Em 1956, Kanner definiu os sinais básicos para o diagnóstico do autismo como sendo o isolamento social e a dificuldade na comunicação. A partir de sua pesquisa, esses sinais tornaram-se a base para a classificação diagnóstica do autismo, estabelecendo um marco para os estudos subsequentes sobre esta condição (Brasil, 2013).

Os déficits que caracterizam o autismo incluem dificuldades em interação, reciprocidade socioemocional, comunicação, interação social e a presença de comportamentos repetitivos. Além disso, interesses restritos e dificuldade de adaptação no ambiente escolar e, por sua vez, na vida profissional. Também podem ocorrer *déficits* em habilidades cotidianas, afetando amplamente o funcionamento cognitivo. Os sintomas do transtorno global do desenvolvimento causam prejuízos ao longo da vida e a gravidade varia de acordo com comorbidades neurológicas ou a presença de deficiência intelectual (APA, 2014).

Com base no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 o TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, uma alteração neurológica que afeta o desenvolvimento da criança. O TEA é caracterizado por *déficits* significativos nas áreas sociocomunicativas e comportamentais e deve estar presente desde a infância, impactando o desenvolvimento global da pessoa (Nunes; Azevedo; Schmidt, 2013).

O DSM teve sua origem nos Estados Unidos em 1840, com um censo que usava o termo

“loucura” para representar doenças mentais. Em 1880, o censo ampliou a classificação, dividindo as doenças mentais em sete categorias, sendo elas: mania, melancolia, monomania, paresia, demência, dipsomania e epilepsia. Essas foram as primeiras classificações dos transtornos mentais cujo objetivo foi de analisá-los de forma esteticamente estruturada (Araújo; Lotufo Neto, 2014).

De acordo com Giaretta (2021, p. 12) “[...] a criação do DSM proporcionou uma mudança de paradigmas no campo da pesquisa em transtornos mentais e pode-se dizer que revolucionou e impulsionou as pesquisas e testes na área, resultando em diagnósticos mais precoces, com mais precisão e objetividade”.

Ao longo do tempo, o manual DMS passou por evoluções. A associação de veteranos de guerra e o exército norte-americano ajudaram a categorizar os transtornos, resultando na primeira edição do DSM em 1953. A partir desse momento, o manual passou a fornecer uma base importante para novas revisões sobre doenças mentais. Em 1980, o manual trouxe alterações significativas, facilitando o seu uso e promovendo uma maior objetividade nos diagnósticos. No ano de 1994, houve uma revisão para melhorar a precisão e a relevância dos diagnósticos e, atualmente, a versão mais recente (2013), promoveu novas práticas clínicas, expandindo descobertas e excluindo a escala de avaliação global do funcionamento devido às críticas de falta de clareza e precisão (Araújo; Lotufo Neto, 2014).

Giaretta (2021) enfatiza que a quinta edição do DSM resultou em mais de doze anos de estudos e pesquisas que foram conduzidos por diversos profissionais. As alterações visaram expandir descobertas e possibilitar novas práticas clínicas com base científica.

Quanto ao diagnóstico do TEA, ele é clínico e deve ser feito com base em observações e entrevistas com pais e/ou cuidadores. As escalas e triagens usadas por profissionais devem ser padronizadas para identificar *déficits* no desenvolvimento infantil. Esses instrumentos servem como rastreio e não para realizar o diagnóstico, mas para indicar possíveis sinais de atraso no desenvolvimento (Brasil, 2013).

Segundo Giaretta (2021), para que a criança seja diagnosticada, ela deve apresentar um conjunto de sinais e sintomas. É importante ressaltar que para fechar o diagnóstico não basta consultar e analisar apenas as orientações do DSM-5, é fundamental observar essa criança em todos os ambientes e situações diversas, desde o sono até as brincadeiras. Deve-se também ouvir todas as pessoas que fazem parte da vida cotidiana da criança. Neste caso, os pais, tios, professores, cuidadores, avós, ou seja, a avaliação desta criança deve ser feita por uma equipe multi e interdisciplinar.

A inclusão de crianças com espectro autista em escolas regulares coloca o professor

como figura central na discussão. Espera-se que ele atue como um elo entre o conhecimento social e a prática educativa. Para isso, é essencial que sua formação o capacite a lidar com as diversas necessidades em sala de aula, especialmente aquelas relacionadas ao neurodesenvolvimento e ao aprendizado (Giaretta, 2021).

Nesta mesma perspectiva, a Declaração de Salamanca (1994, p. 28), diz que

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel-chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adaptada uma formação inicial não categorizada, abrangendo todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas.

O inciso II da lei 12.764/12, que trata da Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2012), destaca a importância da capacitação de profissionais da educação para atenderem efetivamente às necessidades específicas dos alunos com TEA.

Do mesmo modo, Giaretta (2021) destaca a importância da intervenção do professor nos diversos campos da inclusão para promover o desenvolvimento integral do aluno. Ainda ressalta que o professor deve valorizar ações pedagógicas que garantam a equidade de oportunidades, aplicando conteúdos específicos de cada série ou tema de forma inclusiva. Isso implica em adaptar o ensino para atender às necessidades de todos os alunos, garantindo que cada um tenha as mesmas chances de aprender e desenvolver plenamente.

Nessa mesma perspectiva, Silva *et al.* (2021), afirmam que o professor deve estar atento às necessidades dos alunos, e ainda, adotar atividades e métodos que sejam mais adequados e bem aceitos por eles, ajudando no desenvolvimento máximo do aluno.

De acordo com França e Barbosa (2020), o professor tutor ou acompanhante especializado, tem o papel de auxiliar o professor regente da turma, especialmente, quando há uma criança diagnosticada com TEA. Ele ajuda em todas as atividades escolares, explicando-as de forma lúdica e adaptada para que a aprendizagem seja significativa. Este tutor também intervém em momentos de crise, socialização e integração da criança no ambiente escolar, contribuindo para o desenvolvimento motor, físico, cognitivo e de aprendizagem do aluno com TEA.

Sobre o aspecto lúdico, Silva e Almeida (2012) enfatizam que o lúdico ocupa um papel fundamental no trabalho de crianças com TEA. As práticas educativas devem ser cuidadosamente organizadas e elaboradas de forma lúdica para alcançar os objetivos planejados. Essas práticas devem promover a autonomia, a cooperação entre colegas e a participação de

todos no processo de ensino-aprendizagem. O resultado esperado é o avanço do aluno em relação aos conhecimentos e a conquista de maior independência.

Contudo, Bueno (2009), explica que se o professor não tem uma orientação adequada ele não contribuirá para a inclusão. Neste caso, a teoria precisa ser colocada em prática; deve haver professores realmente preparados para o trabalho docente ou com uma formação continuada atualizada; buscando ampliar seus conhecimentos e desenvolver práticas específicas voltadas para o ensino-aprendizagem de criança com necessidades educativas especiais.

A declaração de Salamanca (1994) afirma que o fator chave para o sucesso de uma escola inclusiva é que todos os educandos tenham uma preparação aprimorada. Além disso, recomenda-se que os professores na formação inicial recebam orientação para entender o processo de inclusão, adquirindo a capacidade de avaliar as necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, capacidade de recorrer às tecnologias, individualização de procedimentos pedagógicos e trabalhar em conjunto com especialistas e pais.

## **Metodologia**

A pesquisa se classifica como qualitativa, pois este tipo de abordagem “[...] engloba dois momentos distintos: a pesquisa, ou coleta de dados, e a análise e interpretação, quando se procura desvendar o significado dos dados”. (Marconi e Lakatos, 2002, p. 302).

Quanto à finalidade da pesquisa, se classifica como aplicada, “[...] cujo, objetivo é adquirir conhecimentos para a solução de um problema específico.”. (Marconi e Lakatos, 2022, p. 297).

Em relação ao nível de pesquisa, classifica-se como descritiva. A pesquisa descritiva, tem por objetivo “[...] a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações variáveis” (Gil, 2002, p. 42).

Quanto à sua natureza, a pesquisa classifica-se como empírica, pois, de acordo com Marconi e Lakatos (2022) exerce pressão para esclarecer conceitos contidos nas teorias. Uma das exigências fundamentais da pesquisa empírica é de que os conceitos (ou variáveis) com que lida, sejam definidos com suficiente clareza para permitir seu prosseguimento.

Este estudo pode ser classificado como pesquisa de campo. De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 169) “[...] é aquela utilizada com o objetivo de obter informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, com o propósito de descobrir novos fenômenos ou relações entre eles.”.

A população da pesquisa envolveu trinta e três escolas da Educação Infantil da rede municipal de ensino da cidade de Ubá-MG, com aproximadamente trezentos e dois professores de apoio atuantes. Desta população, foi extraída uma amostra de quatorze professores de apoio e regentes que trabalham na rede municipal.

Para tanto, tem-se como fator de inclusão ser professor de apoio atuante na Educação Infantil em uma das duas escolas, aceitar os itens do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ter lecionado ou estar lecionando para alunos com diagnóstico de espectro autista em sua sala de aula. O fator de exclusão é: ser professor de outras escolas que não estão definidas como população deste projeto de pesquisa, ser professor de outros segmentos que não seja Educação Infantil e não estar lecionando ou não ter ministrado aulas para alunos com diagnóstico de TEA.

Para a coleta de dados foi feito o contato com as duas diretoras das duas escolas a fim de solicitar a autorização para a execução da pesquisa. O instrumento de coleta de dados foi o questionário elaborado através do *Google Forms* e enviado pelo *WhatsApp* aos professores. Sobre este instrumento, Marconi e Lakatos (2003, p. 200) atestam que ele é “[...] constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Da mesma forma, foi encaminhado também o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) através do *Google Forms*. Foi estabelecido o prazo de quatro dias para a devolutiva dos questionários.

Após o retorno dos questionários, os dados foram compilados, analisados e discutidos, com base nas referências bibliográficas estudadas. Estes dados foram transformados em gráficos, tabelas e quadros para elaborar as análises.

Os resultados serão divulgados em eventos acadêmicos e publicados em revistas científicas a fim de colaborar com aqueles que estão atendendo, em suas salas de aula, aos estudantes com diagnóstico de TEA, bem como propor a discussão a partir de dados reais aos estudantes em formação nos cursos de licenciatura e de pós-graduação.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de Saúde (Resolução nº 466 de 12-12-2012 – CNS/MS).

## 1. Resultados e Discussão

### 1.1 Universo da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Ubá, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, Brasil, com média populacional atual de 103.365 habitantes, de acordo com dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022). Sabe-se que o município possui escolas da rede federal, estadual, municipal e privada e tem se destacado entre os municípios acima de cem mil habitantes no que tange ao eixo educação (Prefeitura de Ubá, 2023). Neste sentido, fez parte deste estudo duas escolas municipais que ofertam a Educação Infantil, sendo elas: Escola Municipal Deputado Filipe Balbi, localizada na rua Padre Gailhac, 34 fundos, Centro Ubá-MG, com, aproximadamente, duzentos e sessenta alunos matriculados e a Escola Municipal Governador Ozanam Coelho, localizada na praça Francisco Parma nº 58, Industrial – Ubá-MG, possuindo aproximadamente, duzentos e quinze alunos matriculados.

### 1.2 Docentes

A referida pesquisa contou com a participação de quatorze professores de apoio e regentes que atuam na Rede Municipal de ensino da cidade de Ubá-MG. O tempo de atuação das professoras pode ser verificado no gráfico a seguir.

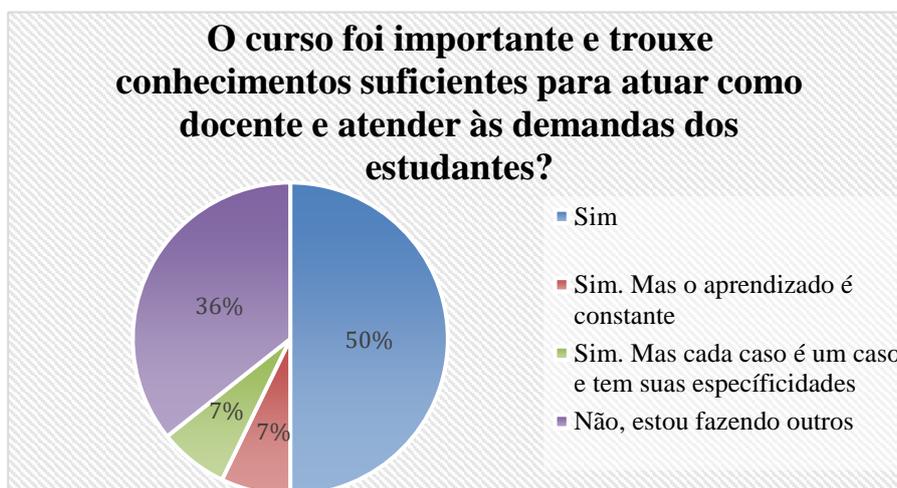
Figura 1 - Tempo de atuação dos professores de apoio



Fonte: Pesquisa (2024)

Quanto ao curso em Educação Especial, o gráfico apresenta se ele foi importante e trouxe conhecimentos suficientes para atuar como docente e atender às demandas dos estudantes com TEA.

Figura 2 - Importância do Curso em Educação Especial aos professores de apoio



Fonte: Pesquisa (2024)

Observa-se uma avaliação predominantemente positiva em relação a formação no curso em Educação Especial, mas nota-se que há uma percepção comum afirmando que a prática docente exige uma atualização constante, e apenas uma minoria aponta que o curso não foi suficiente. Além de serem questionadas quanto aos conhecimentos que o curso oferece, também procurou-se identificar o que foi importante e significativo para a atuação profissional.

A esse respeito, duas respostas serão destacadas: P1<sup>1</sup> afirmou que: *“É importante ressaltar que o curso trouxe conhecimentos de todas as áreas que contribuem significativamente para minha atuação, mas é importante ressaltar que temos sempre que buscar novas fontes. A aprendizagem tem que ser diária para nossa prática docente, seja atuando como regente ou como apoio na área da inclusão.”*. P13 explicou que: *“O curso em ABA ensinou muitas estratégias e recursos para lidar com crianças com TEA. A segunda licenciatura, especificamente em educação especial, também ajuda muito a entender determinados comportamentos. Mas ainda enfrentamos muitas dificuldades na inclusão das crianças.”*. A esse respeito, o inciso II da lei 12.764/12 (Brasil, 2012), destaca a importância

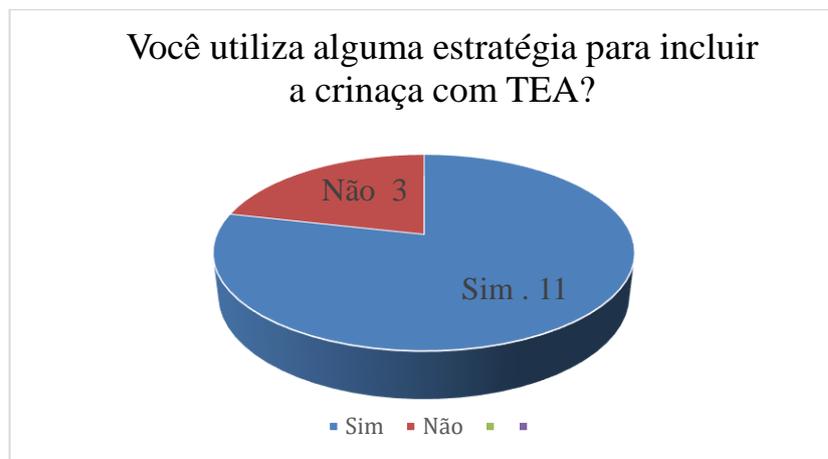
<sup>1</sup> Será utilizado um código para manter o sigilo em relação ao nome das professoras que compuseram esta amostra, portanto P1 refere-se à primeira professora que respondeu o questionário, P2 à segunda professora e assim sucessivamente.

da capacitação de profissionais da educação para atenderem efetivamente às necessidades específicas dos alunos com TEA.

### 1.3 Estratégias e materiais pedagógicos para a inclusão de alunos com TEA

Quando questionadas se utilizavam alguma estratégia para incluir a criança com TEA, foram obtidos os seguintes dados:

Figura 3 - Utilização de estratégias para inclusão da criança com TEA.



Fonte: Pesquisa (2024)

Nota-se que uma das principais características presentes para incluir a criança com TEA são estratégias e/ou materiais que as professoras utilizam nesse processo. Das 14 professoras, 3 responderam que não faziam uso de nenhum tipo de recurso para ajudar nesse processo. As demais, 11 professoras, responderam que utilizam recursos específicos.

Algumas professoras registraram alguns relatos que merecem destaque. P2 disse que: *“Sempre com olhar atento, diretamente ligado aos deles, para criar a sintonia perfeita entre professor e aluno. Mudanças na forma de passar o conteúdo e no tamanho da folha, caso haja necessidade de um tamanho mais acessível à coordenação motora da criança. Nunca, deixá-la de fora de qualquer brincadeira feita pelos outros alunos. Sempre tem uma forma de incluir”*. P5 explicou que: *“Busco principalmente incluí-los nas atividades, valorizando e incentivando a participação. Além disso, incentivo os colegas de classe a agirem também dessa forma, para que se sintam parte do grupo.”*. P9 registrou que: *“Utilizo materiais concretos, alfabeto móvel, utilizo fantoches, jogos de encaixe.*

Coadunando com a declaração dos professores, Silva *et al.* (2021), afirmam que o professor deve estar atento às necessidades dos alunos e ainda, adotar atividades e métodos que sejam mais adequados e bem aceitos por eles, ajudando no desenvolvimento máximo do aluno.

Quando questionadas se as estratégias utilizadas funcionavam, P2 disse que: “*Sim, tem funcionado com meus alunos, inclusive com a surpresa de um deles ter começado a ler nesta última semana, espontaneamente, sem quebrar ou antecipar qualquer espécie de atividade para se atingir este ápice*”. A esse respeito, Giaretta (2021) afirma que o professor é a figura central na vida da criança. Espera-se que ele atue como um elo entre o conhecimento social e a prática educativa e que para isso, é essencial que sua formação o capacite para lidar com as diversas necessidades em sala de aula.

#### **1.4 Recursos utilizando na inclusão da criança autista**

A utilização de recursos pedagógicos no trabalho com alunos com TEA tem se mostrado essencial para promover o aprendizado e a inclusão escolar. Portanto, quando questionadas sobre os recursos utilizados para ajudar no processo de inclusão da criança com TEA, todas as professoras afirmaram que fazem o uso de recursos. P13 ainda destacou que utiliza: “*Agenda visual, plano educacional individualizado (PEI), material adaptado, e [...] abafador de som para a hipersensibilidade auditiva*”. Silva e Almeida (2012) enfatizam que as práticas educativas devem ser cuidadosamente organizadas e elaboradas de forma lúdica para alcançar os objetivos planejados. Essas práticas devem promover a autonomia, a cooperação entre colegas e a participação de todos no processo de ensino-aprendizagem. O resultado esperado é o avanço do aluno em relação aos conhecimentos e à conquista de maior independência.

É importante ressaltar que a utilização de práticas como a agenda visual, planos educacionais individualizados (PEI) e materiais adaptativos, evidencia o compromisso da professora com o atendimento às necessidades específicas de seu aluno. Além disso, as estratégias mencionadas pela professora reforçam o papel do lúdico no processo educacional, estimulando a criança com TEA tanto em sua autonomia quanto na interação social.

#### **1.5 As dificuldades de inserção da criança com TEA**

A inserção da criança autista no ambiente escolar tem se mostrado um grande desafio para os professores e especialistas que ainda enfrentam barreiras. Quando questionadas sobre esta questão, nem todas afirmaram que enfrentam dificuldades nesse processo de inserção. No

entanto, algumas professoras afirmaram passar pelas dificuldades. Desse modo, destaca-se a resposta da P1, afirmando: *“A inclusão é desafiadora todos os dias e ao longo do caminho, conhecemos e aprendemos a lidar com as crianças. Cada TEA possui a sua característica o que, na maioria das vezes, torna esse processo desafiador. Hoje, um dos principais desafios é criar uma boa parceria não só com a família do aluno, mas também com a regente da turma que deposita toda a responsabilidade da aprendizagem dos alunos com laudos na professora de apoio, não havendo qualquer tipo de comunicação e troca sobre o processo”*. A inclusão só funciona de maneira eficaz quando há uma colaboração ativa entre todos os envolvidos no cotidiano dessa criança. Quando a responsabilidade é delegada exclusivamente à professora de apoio, perde-se a essência de inclusão. Isso evidencia a necessidade de investir em formação continuada para os profissionais da educação, além de reforçar a necessidade de uma abordagem mais integrada e colaborativa, em que todos os atores (professores regentes, de apoio, equipe gestora e família) desempenham papéis complementares no processo de ensino-aprendizagem.

A esse respeito, a Declaração de Salamanca (1994) destaca que, o fator chave para o sucesso de uma escola inclusiva é que todos os educadores tenham uma preparação aprimorada. A Declaração fortalece a argumentação ao destacar que a preparação contínua dos profissionais é essencial para construir uma escola verdadeiramente inclusiva.

### **Considerações Finais**

Esta pesquisa buscou identificar quais são as estratégias utilizadas pelo professor na inclusão da criança autista na Educação Infantil. Constatou-se que as professoras regentes e de apoio utilizam de estratégias para incluir a criança nas rotinas cotidianas, visando a uma aprendizagem significativa.

Para responder ao questionamento, este estudo teve como objetivos: identificar quais estratégias são utilizadas pelos professores na inclusão da criança autista na Educação Infantil e ainda, identificar quais as estratégias de inclusão são utilizadas pelos professores; elencar os recursos utilizados para incluir a criança no processo de aprendizagem; apontar as dificuldades para a inserção da criança autista no processo de ensino-aprendizagem e refletir sobre o processo de adaptação do aluno.

Os dados analisados permitiram verificar que no processo de inclusão da criança, faz-se necessário utilizar de recursos e estratégias, assim como adaptações das atividades para que elas estejam, de fato, inseridas no que é realizado cotidianamente na escola, neste caso, nas

propostas avaliativas, nas atividades para desenvolver as mais variadas habilidades e competências, bem como em atividades lúdicas.

Desse modo, a hipótese foi infirmada, pois inicialmente acreditava-se que os professores regentes e de apoio não conseguiam aplicar metodologias que atendessem efetivamente às necessidades de aprendizagem do estudante com TEA, embora estejam cientes da legislação e dos procedimentos metodológicos essenciais para conduzir o processo de inserção de crianças autistas utilizando metodologias diversificadas.

Neste caso, confirmou-se que as professoras conseguem aplicar metodologias que atendem às necessidades das crianças com TEA. Constatou-se também a importância de um trabalho em conjunto entre professores, pais e a escola no processo de adaptação de aprendizagem dessas crianças, salvo alguns casos em que isso não pode ser observado, conforme foi apresentado nos resultados.

Espera-se que sejam realizadas novas pesquisas sobre esse tema com os pais das crianças com TEA, visto que o laudo de crianças com o transtorno do espectro autista tem crescido nas escolas de ensino regular. Apesar desse crescimento, persistem ainda medos, inseguranças e receios em relação a como lidar com o TEA.

## Referências

APA- American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5 5. ed. Porto Alegre: Artmed. 2014.

ARAÚJO, **Álvaro Cabral**; LOTUFO NETO, Francisco. A nova classificação americana para os transtornos mentais DSM-5. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitivo**, Caminas, v. 16, n. 1, p. 67-82, 2014. Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/download/659/406/246>. Acesso em: 27 out. 2024.

BRASIL. **Diretrizes de atenção à reabilitação de pessoa com transtorno do espectro do autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_reabilitacao\\_pessoa\\_autismo.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf). Acesso em: 11 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº. 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista; e altera o § 3º. do art. 98 da Lei nº. 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm). Acesso em: 27 out. 2024.

BUENO, J.G.S. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, 2009 (7-25). Disponível em: <https://www.abpee.net/pdf/artigos/art-5-1.pdf>. Acesso em: 27 out. 2024.

FRANÇA, Gustavo Thayllon; BARBOSA, Gabriel Cordeiro. Processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista. **Caderno Intersabers**, Vv.9, n.18, p. 188-203, 2020. Disponível em:

<https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1295>. Acesso em: 27 out. 2024.

GIARETTA, Nadia. **Transtorno do espectro autista**. Curitiba (PR): IESDE, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e estados**. Ubá, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/uba.html>. Acesso em: 27 out. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 8. ed. Burueri: Atlas, 2022.

MARQUES, Alexandre Henrique; BARBOSA, Vilma Maria; GOMES, Lauriceia Tomaz da Silva. A Inclusão do estudante com transtorno do espectro autista nos anos iniciais do ensino fundamental. In: **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**. V.5, n.2, p.11-28, jul.-dez., 2018. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/download/8382/5662>. Acesso em: 20 out. 2024.

MEC ESPANHA. **Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca -Espanha: UNESCO, 1994.

NUNES, Debora Regina de Paula; AZEVEDO, Nunes Mariana Queiroz Orrico; SHIMIDT, Carlo. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**. v. 26, n. 47, p. 557-572, set./dez, Santa Maria -SC, 2013, p. 557-572. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>. Acesso em: 20 out. 2024.

SILVA, Sandra Francisca da; ALMEIDA, Amélia Leite de. Atendimento educacional especializado para aluno com autismo: desafios e possibilidades. **INTL. J. of Knowl. Eng.**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 62-88, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ijkem/article/view/81479/4617>. Acesso em: 27 out. 2024.

SILVA, Samyra Viviane Oliveira Ferreira. et al. Tecnologias e metodologias no processo de alfabetização de crianças com transtornos do espectro autista. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.2, p.43096-43111, fev. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/29000/22903>. Acesso em 20 out. 2024.

**ANEXO 1 –  
QUESTIONÁRIO**

1. Insira seu e-mail: \_\_\_\_\_
2. Informe seu nome: \_\_\_\_\_
3. Há quanto tempo atua como docente?
  - ( ) Menos de 1 ano
  - ( ) De 1 anos a 5
  - ( ) De 5 a 10 anos
  - ( ) De 10 a 15 anos
  - ( ) De 15 anos a 20 anos
  - ( ) Mais de 20 anos
4. Há quanto tempo atua na educação especial?
  - ( ) Menos de 1 ano
  - ( ) De 1 ano a 5 anos
  - ( ) De 5 a 10 anos
  - ( ) De 10 a 15 anos
  - ( ) De 15 a 20 anos
  - ( ) Mais de 20 anos
5. Indique qual a sua formação em Educação Especial?
6. Há quanto tempo você finalizou a sua formação em Educação Especial?
7. O curso foi importante e trouxe conhecimentos suficientes para atuar como docente e atender às demandas dos estudantes?
8. Se sim, o que foi importante e significativo para sua atuação profissional?
9. Se não, o que sente falta?
10. Você já percebe que é necessário realizar alguma atualização em relação a sua formação em Educação Especial?
11. Se sim, sugere que esta atualização ocorra a partir de quanto tempo ou a partir de qual situação?
12. Você possui alguma experiência com alunos com TEA?
  - ( ) Sim. Sou regente e possuo aluno com TEA em minha sala de aula.
  - ( ) Sim. Sou professor (a) de apoio.
  - ( ) Não. Nunca tive em minha sala de aula alunos com TEA e nunca trabalhei como apoio.
13. Qual a sua formação em Educação Especial?
  - ( ) Curso de curta distância

Curso de longa duração

Não tenho nenhuma formação, atuo como regente e já tive alunos com TEA.

14. Você utiliza alguma estratégia para incluir a criança com TEA?

Sim

Não

15. Se sua resposta for sim, quais são as estratégias que você utiliza para incluir a criança com TEA. Cite pelo menos 3 estratégias.

16. Você tem percebido se essas estratégias funcionam? Justifique sua resposta.

17. Você utiliza ferramenta ou recursos pedagógicos para ajudar no processo de inclusão?

Sim

Não

18. Se sua resposta for sim, cite pelo menos 3 ferramentas ou recursos utilizados.

19. Você enfrenta dificuldades no processo de inclusão?

Sim

Não

20. Se sua resposta for sim, quais são as principais dificuldades enfrentadas no processo de inclusão?

link questionário: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfSuV\\_Y8OgcgreV6TisRdq-sch1zWzLpT84JYmtIw\\_GE9GKHQ/viewform?usp=sharing](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfSuV_Y8OgcgreV6TisRdq-sch1zWzLpT84JYmtIw_GE9GKHQ/viewform?usp=sharing)

## ANEXO II – TCLE

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (Atendimento a Resolução 466 de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS)<sup>1</sup>**

Você está sendo convidado(a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **A inclusão da criança autista na Educação Infantil**, a ser realizada pelo curso de Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos- FUPAC/Ubá.

Neste estudo pretende-se verificar como ocorre a inclusão da criança autista na educação infantil. Justifica-se esta pesquisa por entender que é necessário compreender porque os professores regentes e de apoio não conseguem, por vezes, aplicar metodologias que atendam efetivamente a necessidade de aprendizagem do estudante com TEA.

Para este estudo serão adotados os seguintes procedimentos: aplicação do questionário às professoras que atuam no primeiro e segundo períodos da Educação Infantil de escolas municipais de Ubá-MG.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira;

Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, estando o(s) telefone(s) (32) 999203228 e e-mail laysla418@gmail.com, da pesquisadora Laysla Ferreira Fouraux de Oliveira e do orientador, prof. Gilson Soares Toledo, tel: 32 988868394 e e-mail gilson.soares.toledo@gmail.com à sua disposição para comunicar qualquer dúvida ou desistência de participação;

Dentro desta premissa, todos os participantes são absolutamente livres para, a qualquer momento, negar o seu consentimento ou abandonar o programa se assim o desejar, sem que isto provoque qualquer tipo de penalização;

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador;

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo;

Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo;

Durante a realização do teste não há possibilidade de ocorrerem problemas, riscos ou desconforto devido à intervenção do pesquisador;

Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa;

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada;

Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão;

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos;

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de identidade \_\_\_\_\_, após a leitura do presente Termo, e estando de posse de minha plenitude mental e legal, ou da tutela legalmente estabelecida sobre o participante da pesquisa, declaro expressamente que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

Assinatura do(a) Participante

<sup>1</sup> Esta Resolução altera a anterior (Nº 196/96), aprovando as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em:

<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf?>. Acesso em: 14 ago. 2015.

Laysla Ferreira Fouraux de Oliveira laysla418@gmail.com Pesquisadora	Gilson Soares Toledo gilson.soares.toledo@gmail.com Professor Orientador
--	--

\_\_\_\_\_ (Cidade), \_\_\_\_\_ (dia) de \_\_\_\_\_ (mês) de 2024.